ANO 7.º — Sexta-feira, 12 de Fevereiro de 1915 — NUMERO 357

O DEMOCRATA (A VENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte 2$50
Avulso $02

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

Um grande perigo

De odio em odio, de miseria em miseria, os chefes politicos teem gradualmente sabido envolver nas suas conveniencias partidarias, numa alucinação de verdadeiros loucos, tudo quanto o bom senso e o proprio respeito pelas instituições mandam que se não discuta nem indiscipline.

Infelizmente vemo-nos forçados a reconhecer pelo desenrolar dos proprios acontecimentos, que é manifesto o proposito entre os dirigentes dos grupos politicos de chamar a si a maior parte da responsabilidade que entre eles disputam, a vêr a qual caberá a *gloria* do maior quinhão na criminosa taréfa que teem realisado.

E' um facto; triste, criminoso, absolutamente anti-patriotico e não menos profundamente anti-politico—mas é, na verdade, um facto!

Assim, todos os dias, em alguma imprensa, incluindo os orgãos oficiaes directamente inspirados pelos chefes supremos dos grupos a que respectivamente pertencem, vemos discutir em moções e em artigos o procedimento de determinados oficiaes e de sargentos e até atitudes várias de cabos e soldados, que para uns são criminosos, para outros são martires.

Isto poderá ser tudo menos politica.

Poderão chamar a esse procésso de menoscabo e de insulto ao exercito, que intégra a Nação, que desde o seu inicio até hoje nunca deixou de derramar o seu sangue pela Patria, escrevendo a ouro imorredouras paginas de Historia, poderão chamar, diziamos, a esse procésso, um grande motivo para exaltar quantos a perniciosa doutrina tem já envolvido, fazendo esquecer os mais altos e sagrados principios do dever e da disciplina, mas o que dele resultará, por cérto, a continuar-se nessa indigna e réles politiquice, é abrir um abismo entre o regimen e o exercito, é arranca-lo a esse abraço de amor e de respeito que ha tanto os une e que nunca deverá ser quebrado.

Sem duvida, não é menor a responsabilidade dos que, cingindo uma espada e vestindo uma farda, esquecem a sua situação para se deixarem arrastar pelas manigancias dessa politica de corrilho em que desmascaradamente tem caído os famosos partidos que se organisaram para *engrandecimento e dignificação da Republica!*

Incitar, apoiar e justificar actos contrários ao bom nome do exercito português, é semear a indisciplina, é desrespeitar, no conceito publico, o conceito que merece aquela corporação que pelo seu caracter especialissimo e pela sua alta missão, deve estar fóra de toda a discussão, afastada por absoluto de todas as paixões politicas e partidarias.

Não é ao exercito que cabe o direito de entrometer-se na politica de campanario, que é, infelizmente, a categoria daquela que ha uns tempos a esta parte para aí miseravelmente se desenrola, como por igual fórma não cabe aos dirigentes da politica nela envolverem da maneira tumultuaria e perigosa como o pretendem fazer, diversos elementos militares.

E' um perigo, é o maior deles, esse, que numa persistencia criminosa e indigna estão cavando para a Republica quantos julgam que assim, de preferencia, nobilitam e engrandecem a sua grei.

Mas—quem sabe? Como nas grandes tempestades talvez que da sua propria violencia e intensidade resulte a mais intensa purificação politica. Quem sabe o que resultará de toda esta tormenta que se prepara num frenesi de loucura, numa insensatez de doidice?!

Quem sabe se ela arrastará no seu furioso turbilhão alguns dos que semeiam ventos cada vez mais duros, fazendo-os rudar morosa, mas persistentemente, para o quadrante mais perigoso e violento?

Mas quando a tormenta se avisinhe e os raios da colera popular, tantas vezes horrorosamente registados, cruzarem o espaço e caírem, vingadores como espadas de Damocles, escusado será gritar aos culpados o—salve-se quem pudér!

Nenhum se salvará

Todos caírão com a sua obra.

E não terão que se queixar, porque se houve quem por sectarismo os aplaudisse outras vozes se levantaram mais firmes e decididas a indicar-lhes o caminho errado que seguiam.

Governador Civil

Tomou ontem posse pelas 13 1[2 horas o sr. Abilio Caldas Nobre da Veiga, que o govêrno do sr. general Pimenta de Castro ultimamente nomeou para chefiar o districto de Aveiro.

Não assistimos. Afazeres vários impediram-nos de comparecer a esse edificante espectaculo em que um padre se abalançou ás mais atrevidas insinuações, segundo nos dizem, e por isso tambem nos abstemos de comentarios aguardando outra ocasião e bem assim o procedimento do sr. Nobre da Veiga, a quem cumprimentâmos.

CARTA

Recebemos a que segue:

...Amigo

Peço-lhe a fineza de publicar no jornal que dignamente dirige, em sitio bem visivel, o que abaixo se lê, fineza que muito agradece o

De v. etc.

Bernardo Torres

Tendo chegado ao meu conhecimento que alguem disse num estabelecimento que eu tenho recebido, pelo cofre do Governo Civil, 2$50 diarios, por serviços prestados á Republica, por esta fórma declaro que chamarei á responsabilidade, tendo elementos para o fazer, todo o cidadão que ponha a circular infamias desta natureza sem a competente prova.

Aveiro, 7 de fevereiro de 1915.

Bernardo Torres

Já no numero da ultima semana protestámos contra a aleivosa insinuação pela qual se pretende fazer acreditar na existencia de elementos perturbadores, remunerados além disso por um cofre especial, o que é redondamente falso, como se provará quando os inimigos das instituições, rotulados de republicanos, se resolverem a assumir a responsabilidade do que nesse sentido espalham com o fim manifesto de desprestigiarem os honestos defensores da Republica.

A *formiga branca*! Mas de que se haviam de lembrar os pifios moralões, que não tendo arriscado uma unha, sequer, a favor do regimen se arrogam, contudo, o direito de caluniarem, minados pelo despeito, pelo odio, pela inveja, a vêr se assim conseguem aquilo que pelos meios legaes ainda não pudéram obter!

Porque, afinal, tudo isto jogaá roda do interesse. Se não fosse a supremacía dos democraticos, se este partido não tivésse efectivamente sido, por intermedio dos elementos que o compõem, o unico onde jámais deixou de existir coragem para conter á devida distancia os perturbadores da ordem que se dizem defensores do trôno e do altar, decérto que nada aconteceria do que se está dando com a colaboração consciente ou inconsciente de individuos a quem o seu passado não autorisa navegarem nas mesmas aguas porque se conduzem os desacreditados aulicos de D. Manuel. Esta é que é a verdade. A pura verdade, embora o contrário convenha aos inimigos do Partido Republicano Português, que se pretende aniquilar pela simples razão de ser ele—façâmos-lhe essa justiça—ainda o que melhor tem encarnado os principios republicanos, como no-lo demonstra as leis promulgadas durante a sua estada no poder.

Ora isto é que não quadra nem aos monarquistas nem aos republicanos de meia tijéla, e de aí a guerra á *formiga branca*, toda a sorte de calunias despejadas sobre caracteres respeitabilissimos, mas que não chegam a atingir o alvo porque acima do latir dos cães está—e disso não tenham duvidas—a consciencia dos que, julgando prestarem bons serviços á Republica, o fazem sem a mira em remunerações aviltantes, com isenção e ao abrigo das escorrencias pestilentas da frandulagem arvorada em alta representante da moralidade.

RELIQUIAS

Após prolongados esforços conseguiu-se, finalmente, obter para o nosso Muzeu uma valiosissima aquisição: nem mais nem menos que uma historica farda de tenente miliciano, que fez, em tempos, as delicias dos bons apreciadores quando o seu proprietario a passeiava por essas ruas e pelos campos de feijão, da Gafanha...

A espada vai para o Museu de Artilharia, ficando a farda no mesmo mostruario onde tambem está a lendaria corôa de N. Senhora do Amparo, a mesma que tocou o ex-ministro da justiça quando fez a sua entrada na vida... publica, depois de batisado pela parteira Rosa de Santa Maria, viuva...

Os nossos parabens aos apreciadores de cousas... raras...

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

VENDO CLARO

O sr. Antonio José de Almeida, que de ha um tempo para cá vem escrevendo com mais assiduidade no seu jornal, publicou um destes dias um artigo que começava assim:

«Durante estes quatro anos, só o espirito de emulação guiou os homens, só a inveja e o ciume do mando déram inspiração á vida activa da Republica. O que se passou, frequentemente, uma miseria, foi, muitas vezes, quasi uma vergonha. Falseou-se a Verdade só porque ela tinha desabrochado primeiro nos labios do adversario politico, e a doutrina mais pura, da evidencia mais clara, passou a ser uma mistificação desde que foi sustentada pela voz dos que pensavam segundo outro credo. Os homens debateram-se em pugnas de morte. Caluniaram-se, difamaram-se, agrediram-se com pedregulhos de insulto sobre a vasa de um cano de esgoto. Não escapou a furia diabolica das paixões politicas—nem a honra dos homens, nem o pudor das colectividades.

. . . .»

E', infelizmente, uma verdade. Mas do que o sr. Antonio José de Almeida se esqueceu foi de confessar o resto, de dizer quem teem sido os mais responsaveis pela obra dissoluta contra a qual se insurge agora, só depois de ter produzido os peores efeitos e dos resultados serem aqueles que se estão vendo no critico momento que a Republica atravessa.

Penitenceie-se sr. Antonio José, penitenceie-se dos seus pecados se quer ainda encontrar um canto no reino dos céus por onde parece ter andado evolucionando com gràve prejuizo para o país a que está ligado pelas maiores das responsabilidades.

O busto

Ao que parece o Senado Municipal resolveu numa das suas sessões ultimas tomar na devida conta a lembrança para a colocação do busto de certa personalidade politica no *novo cemitério*, só esperando que a Vera-Cruz inicie os trabalhos do *mono-mento*, aos quaes prestará o seu auxilio, como ficou resolvido.

Pois arrangem lá isso que nós cá estâmos já a preparar a biografia do homenageado...

RESPOSTA A TEMPO

Um grupo de *pardos*, autenticos, da Vera-Cruz, cochicha cousas em pleno Côjo.

De repente ouvem-se tres assobios vibrantes e prolongados.

Leandro do hospital, que passa, responde apontando para o grupo:

—*Isso agora é com aqueles. Déram uma sorte, os cavalos!...*

Restos de maior quantia

A' volta da entrevista e das acusações feitas ao partido democratico pelo coronel Matos Cordeiro

No ultimo numero deste jornal transcrevemos na integra uma entrevista tida com o comandante da guarda fiscal, sr. Matos Cordeiro, sobre os ultimos acontecimentos de Lisboa e que tantà sensação fizéram em todo o país, acrescentando, no fim, que o faziamos sem outro motivo que não fosse o de restabelecer a verdade com o testemunho dum homem acima de toda a suspeita, atenta a sua filiação politica.

Pois em vez de nos benzermos, quebrámos o nariz... O sr. Matos Cordeiro, que nós julgávamos efectivamente um republicano democratico *acima de toda a suspeita* por aquilo que os jornaes de esse partido dele diziam e ainda pela comissão de confiança que lhe fôra dada junto do govêrno, não é, afinal, mais que um autentico correligionario dos *pardos* da Vera-Cruz, com matricula tambem no Centro Democratico, e portanto sem autoridade que nos garanta o credito que démos ás suas palavras, publicando a entrevista. Pelo menos é o que se nos afigura em face dos documentos que vamos reproduzir, o primeiro dos quaes se refere a um discurso proferido pelo sr. Matos Cordeiro, quando comandante do batalhão de caçadores 4, de Elvas, em março de 1909, e por ocasião de ser inaugurado um retrato de D. Manuel.

Extratando-o, o *Correio Elvense*, diz:

Aberta a sessão............ ....o sr. Matos Cordeiro disse ter ido ao Paço das Necessidades pouco depois de ter assumido o comando do batalhão, pedir a el-rei o seu retrato, tendo garantido a sua magestade, que ele sería inaugurado com toda a solenidade, sendo cérto que a importancia, o verdadeiro alcance moral se afere pela solenidade que depende exclusivamente da importancia da ideia que a origina e da causa que a provoca, nada falta á imponencia deste acto, pela categoria das pessoas que a ele assistem. Não estamos para fazer afirmações monarquicas porque os militares não as precisam fazer, porque já as fizéram em juramento, que hão-de cumprir. **As instituições monarquicas hão-de trazer ao país todas as felicidades** e a paz, de que gozam os países da Europa. Sabemos que ha um ano, sentindo profunda magua, vimos perdido o nosso rei, nós soldados, que estávamos á espera que nos chamassem, ficámos firmes e serenos sem ter proclamado a guerra civil. E' importante a serenidade do exercito, fiel á Patria e ás instituições; uma guerra civil seria fatal para a independencia desta grande Patria. El-rei D. Manuel na situação em que se encontra, filho de D. Carlos, de quem a historia ainda não falou, **é dotado de belos sentimentos, e orientando-se pelo proceder do pae não, póde deixar de ser um grande rei,** que podia ter fugido à situação em que se encontra, como muitos lhe aconselhavam, e sua augusta mãe. E porque ficaram? Porque quizéram cumprir o seu dever, ficando no Paço, rodeados de tropa, porque receando-se novo atentado, eles entregavam-se á lealdade dos soldados que os cercavam, e isso era uma homenagem que nos prestavam. Sabemos que o nosso soldado vai para onde o levarmos, e isso vê-se o que eles fizéram em Africa, onde provocaram a inveja do mundo; trouxéram de lá o culto da Patria ainda mais experimentado, e lá honraram a bandeira das Quinas, e aqui os temos para a gloria de Elvas: Andrade e Costa e Silva lá fôram, não se importando da sua saude, só desejando honrar a Patria e defenderem a sua bandeira. Costa e Silva derramando o seu sangue precioso, nada desmereceu de José Dias de Azevedo, o heroico defensor de Campo Maior em 1801. Honra Elvas, o exercito e o país. Ao olhar para aquela bandeira, que nos dá a fé, a esperança, ostentando-a em qualquer parte temos a certêsa que a havemos de defender com coragem e amor, bem como o rei e as instituições. O soldado português não é assassino, mas tem que defender o rei, a Patria e as instituições. Por ela e com ele enobreceremos o nosso querido Portugal. E abraçados á bandeira da Patria gritaremos: **Viva el-rei! Viva el-rei!**

Assim terminou o sr. comandante a sua alocução, no meio de salvas de palmas e vivas prolongados e entusiasticos.

Em novembro de 1909—onze mezes antes da Republica—o mesmo sr. coronel Matos Cordeiro escrevia a seguinte carta:

Batalhão de caçadores n.º 4—Gabinete do comandante—Particular—19-11-1909—*Meu caro Nicolau e prezadissimo amigo.*—Perdôe-me uma descomunal ousadia que cheira a vaidade que tresanda; mas bom, como é, e de bem dedicada lealdade, inumeras vezes comprovada, aí vai um pedido que muitos julgarão da mais vaidosa estravagancia, mas que eu considerarei quasi santo pelas intenções e fim a que me proponho. Trata-se do engrandecimento da minha farda, do mais louco amor para honra da memoria de meus queridos paes e da minha querida e santa companheira que se enebriará com a mais pura alegria; trata-se de um excepcional amparo para todos. As minhas pretensões quando justas e dignas libertando-me de tentativas de peita a que nunca cederei, mas sempre encomodam, delimitam situações de uma maneira clara e concreta; trata-se, emfim, da maior honra para o soldado deste infeliz torrão e com que possa morrer feliz se

me pedirem a minha vida com ela e por ela. Desejava ser ajudante honorario de el-rei. Bem cotado, felizmente, com um comando que tem merecido a consideração e respeito dos meus superiores e inferiores, eu levo o meu batalhão para onde quizer levá-lo, fazendo o que se chama um comando moderno, escrupuloso na indispensavel correspondencia entre deveres bem cumpridos e direitos que, intransigente, respeito até á mais leal dedicação. Os meus oficiaes e soldados estão sempre ao meu lado, porque sou justo e pronto a auxiliá-los quando merecedores. O efeito do meu comando vai até Lisboa e a todos os meios militares tal é a propaganda dos meus subordinados. Tresanda a vaidade! Nestas condições um pedido á rainha para me serem concedidos os cordões é assunto facilmente resolvido. Os cordões concede o rei aos oficiaes a quem quer ser agradavel e eu julgo estar *bem apreciado* por mãe e filho. São cordões de ajudante honorario sem exercicio no paço, mas... com todas as vantagens e regalias como que se o tivésse, representando a maior honra para nós, oficiaes. E ha tantos que os teem levado a isso pelas influencias politicas, salamaleques vários, etc., sem prestarem o mais pequeno serviço á sua Patria!...

E como pedir? E' claro que não póde nem deve ser o interessado; mas é bastante um pedido para a rainha ou pessoa intima da *rainha*, para eu ser nomeado ajudante de campo honorario de El-Rei. O dia para o pedido é o dia de Natal e chegado nesse dia... quem não o atenderá naquelas regiões quando bem apadrinhado?! E' no dia do ano bom, 1.º de janeiro, que o rei costuma dispensar essa graça. Se as coisas se proporcionarem bem e com as bôas festas seguir o pedido, serei satisfeito. Lembro-me do E. Labrousse. Espero, meu caro Nicolau, empregará todos os seus esforços para eu atingir este excepcional *desideratum*. Póde ser? Não se esqueça que o pedido deve chegar no dia de Natal para a *coisa* se fazer no dia de ano novo; mas não esqueça, sim? Não demore o pedido; renovando-o oportunamente, peço-lhe com toda a minha alma. E se entender que isto representa coisas feias ou não merece valor ou condições de seguir rasgue e manda-me á fava. Este favor representa para mim como facilmente se depreende o maior e de maior valia com que póde distinguir-me; e se quizérem... que loucura, meu Deus! Fico com muito cuidado nesta carta e peço-lhe me acuse a recepção na volta do correio, tenha paciencia. Abraça-o com sincéra amizade o seu gratissimo amigo, *M. A. Matos Cordeiro*.

Em 28 de agosto de 1910—a menos de dois mêses da proclamação da Republica—o sr. coronel Matos Cordeiro escrevia ao mesmo oficial, dizendo:

Sabe que fui novamente batido numa colocação em caçadores 5?... Se já tivésse o que tanto desejei sempre, e de ha muito lhe pedi, seria o preferido com certeza, mas o meu amigo esqueceu-se de mim e fiquei mais uma vez comidissimo. Eu creio, meu N., como a resolução do assunto é da exclusiva competencia de El-Rei, e dependente da sua vontade, teriamos ensejo favoravel no dia dos anos da Rainha, que é em setembro. Poderia ser? Será o meu amigo capaz de se não esquecer dêste seu amigo desterrado? Eu nada valho neste mundo, mas o pouco para que sirvo tem estado sempre ás suas ordens. O meu amigo, que vale muito, está em condições de primeira ordem; entregue-se ao assunto de alma e coração e muito mais engrandecida ficará a minha gratidão. Tantos com os cordões de ajudante de campo de El-Rei, com uma distinção que seria a minha felicidade maior dêste mundo!! Se eu os tivésse ninguem estranharia, apezar do meio, que eu fosse preferido para lugares, que honestamente peço e honestamente ocuparia. Desculpe ésta expansão do desterrado de ha dois anos, que começa a olhar com tedio a farda que tem sido sempre o seu maior entusiasmo. Um abraço do seu amigo cérto, *M. A. Matos Cordeiro*.

Assim falava antes da revolução de 5 de outubro o sr. coronel Matos Cordeiro. Um monarquico dos quatro costados. Um homem que tinha por maior ambição ser ajudante honorario do rei. Mas veio a revolução de 5 de Outubro e o sr. coronel M. A. de Matos Cordeiro... vejam a carta que ele escreveu, datada de 9 de outubro de 1910. E' como segue:

9-X-910.—*Meu querido amigo.*—O mais modesto soldado da Republica abraça-o a chorar de comoção Bravo, valentes soldados da Republica Portuguêsa! Encurralado aqui sem poder compartilhar dos perigos tão necessarios, a quota parte da minha alma republicana, para o fim a atingir, estive para fugir em automovel para Lisboa. Era asneira grossa, impedido pelo entusiasmo de momento, porque o meu batalhão vae comigo para toda a parte onde queira levá-lo e nunca deveria sair daqui. E fiz bem em ficar, porque alguma coisa fiz, sendo agora um dos mais populares de Elvas. De prevenção o meu batalhão, reuni logo todos os oficiaes e sargentos, que declararam espontaneamente que me seguiriam para toda a parte com todo o batalhão. Como eu comovidamente respondi nem calcula. Prontas rapidamente as oito metralhadoras e tudo preparado sem espalhafatos, dirigi-me a artilharia e trouxe de lá a adesão incondicional dos oficiaes, (que o nosso Cardoso conhece); eu e o capitão Leitão dirigimo-nos sem demora á secretaria da praça, cujo governador interino é o coronel de lanceiros 1, homem fraco, estupido e dengoso. Depois de várias palestras, rapidas e firmes, tentou ele rasgar um telegrama assinado pelo general Carvalhal em que noticiava a proclamação da Republica em Lisboa, telegrama que eu já tinha visto no correio e... em resumo, na presença do administrador do concelho, presidente da câmara, capitão Leitão de artilharia, coronel reformado, chefe de secretaria, respondi com dois murros em cima da carteira dele, idiota e velhaco, dizendo que o batalhão e artilharia 5 iam opôr-se á saída da cavalaria, visto que queria sufocar o entusiasmo popular a esfuziar com louca alegria e para não ter a confirmação escrita do telegrama do Carvalhal. Havia, dizia ele de manter a ordem e não consentiria manifestações, etc. E conseguimos evitar uma scena de sangue escangalhando a cavalaria se éla viésse para a rua como o coronel Silva queria para manter a ordem. Tinha no batalhão 300 *Mausers* para distribuir pelos populares; 18:000 cartuchos para metralhadoras e munições para o batalhão mobilizado. Era bom! Mas tudo se conciliou, o povo não republicano adere ao novo regimen, a minha banda estruge os ares com a *Marselheza* e *Portugueza* e á noite muitas centenas de pessoas, com a minha banda á frente, percorrem a cidade num entusiasmo louco, empunhando bandeiras republicanas, dirigindo-se ao meu quartel, em frente do qual ha discursos e ovações extraordinarias de imponencia. Eis o pouco que fiz, meu amigo, arrependendo-me ainda por não estar em Lisboa e tomar parte no movimento. Eu só desejo ir para Lisboa, como sabe, mas a comandar. Tenho (vá de vaidade) toda a autoridade moral, que Elvas em peso me reconhece, para exercer o comando, e só a comandar desejava continuar em Lisboa. Fale nisto ao nosso patricio Cardoso, apezar de estar intimamente convencido de que não se esquece de mim. Quem me déra comandar infantaria 16! Como comandante interino, o regimento de onde eu vim para aqui! E ávante meu amigo, pela Patria e pela Republica; ávante sempre e até á morte. Vou escrever ao Cardoso. No dia 6 telegrafei oficialmente ao ministro da guerra Barreto, saudando-o e pondo o meu batalhão ás suas ordens; no dia 7 telegrafei ao presidente do govêrno provisorio, saudando na sua veneranda pessoa a Republica Portuguêsa e todo o govêrno, pondo-me incondicionalmente ás suas ordens. Queira verificar se estes telegramas foram recebidos. Peça ou lembre ao Cardoso a minha ida para Lisboa com o comandar e verão o que sae de entusiasmo ordeiro e sério. Um abraço, cidadão, do seu gratissimo amigo.—*M. A. Matos Cordeiro*.

P. S.—O nosso Cardoso, cuja dedicação muito eu conheço, merecia tudo. E o pobre C. dos Reis! Em minha casa, ainda ha pouco, admirava-lhe a envergadura moral e magnificos serviços á santa causa da Democracia.

A' face do exposto, parece que nada mais é necessario para aquilatar da lealdade com que procedeu o sr. Matos Cordeiro desligando-se do partido em que se achava filiado para vir a publico fazer a linda figura que fez.

Póde limpar as mãos á parede...

Necrologia

MANUEL AUGUSTO DA SILVA

Alarmantes os primeiros sintomas da doença que o empolgou, cêdo se tornaram verdadeiramente grâves e ameaçadores.

Contra eles se ergueram todos os cuidados que tal enfermidade exigia, mas um a um fôram tambem inuteis e assim, desapiedada e implacavelmente a morte veiu pôr termo a uma vida que ha muito não passava duma angustia dolorosa e crúa.

Manuel Augusto da Silva teve a desdita de conhecer a proximidade do seu fim.

Deu-lhe essa convicção a lucidez do seu espirito, que não foi alterada até á derradeira hora, como sempre ela lhe facultou o ensejo de enveredar a sua existencia por o verdadeiro caminho da honra e do dever, tendo sido um exemplo e uma figura de invejavel destaque entre o meio operario, no qual se distinguia como homem e como artista.

Trabalhador e inteligente, ele foi até onde deiva ir, tomando assento nas cadeiras da vereação municipal onde cumpriu com devotado afinco as imposições do seu cargo.

Republicano de sempre, como tantos outros devotadamente democrata, ele sofria com os desatinos partidarios de mistura com outros profundos desgostos que o assaltavam, especialmente no ultimo periodo que antecedeu a morte do desventurado artista.

Nestas colunas tivémos na devida oportunidade palavras de verdadeira justiça á sua obra e aos seus trabalhos. Mal julgavamos então que tão cêdo teriamos de cumprir o doloroso dever de traçármos as que agora aqui ficam como sincéro preito de saudosa homenagem ao prestante cidadão que hoje pranteâmos.

Que seus filhos lhe não esqueçam o exemplo e da sua vida sigam a norma com que sempre a orientou aquele de quem herderam o nome.

A' viuva, filhos e a seu irmão, o nosso amigo sr. Antonio Augusto da Silva, a redacção do *Democrata* envia a expressão muito sincéra e intima do seu profundo pezar.

O enterro do malogrado artista, que se efectuou poucas horas volvidas sobre o seu falecimento, constituiu uma sentida homenagem dos seus colégas e amigos não sendo ainda mais concorrido por se ignorar a hora da sua realisação.

O feretro, conduzido numa carreta do Corpo de Salvação Publica Guilherme Gomes Fernandes, ia coberto com a bandeira dos Construtores Civis, tendo-se organisado vários turnos que a seguravam nas estremidades e o acompanharam até á sua ultima jazida.

Tambem fôram depostas algumas corôas e ramos de flores naturaes dos amigos de Manuel Augusto da Silva, constando-nos que no cemitério lhe vai ser eréto um modesto mausoleu ondo serão encerrados os restos mortaes do inteligente operario que tanto honrou no nosso meio a classe a que pertencia.

* * *

No visinho logar de Aradas faleceu tambem o sr. Manuel Francisco do Casal, lavrador, a quem os seus conterraneos muito estimavam pela sua seriedade e honradez, do que foi prova o acompanhamento que precedeu o corpo do extinto até á ultima morada.

O sr. Manuel Francisco do Casal tinha apenas 40 anos e fazia parte da associação cultural *Paz e Progresso* assim como estava filiado no Centro Republicano da freguezia, que conservou a sua bandeira a meia haste, encorporando-se a maioria dos socios no funeral de tão prestante cidadão.

Aos seus, enviâmos igualmente o nosso cartão de pêsames.

O exercito e o "Camaleão,,

Quem são, afinal, os degenerados?

Degenerados

—(*)—

A campanha da covardia produziu os seus efeitos. A suprema infamia que em cerebros broncos germinou e á sombra duma liberdade mal entendida tomou alento, patenteou toda a sua execração á luz do dia. Numa manhã de sol em que um sorriso de esperança devia iluminar todos os rostos como lenitivo ás lagrimas amargas da saudade, alguns tresloucados calcaram aos pés a alma da Patria e tentaram arremeça-la brutalmente para a beira dum abismo.

Parece que desta terra de herois, onde tantas vezes fulgiu o sol da gloria e cuja bandeira altiva dominou o mundo, deste povo de navegadores e de guerreiros que edificou uma patria com o seu sangue e com o seu sangue novos mundos construiu além dos mares, de todo fugiu a energia que era apanagio desta raça, de todo fugiu a acção que era a alma desta patria.

Porque, se é cérto que só um punhado de desvairados teve a triste audacia de pôr a nú a sua fraqueza de animo, tambem é cérto que por esse país fóra alguns os justificam e alguns os desculpam.

Porque se não hade dizer a verdade?

A maldade e a estupidez penetram muito mais fundo nos espiritos fracos do que a luz da verdade e da razão; tambem os morcegos só pódem viver nas trévas enquanto que as águias pódem fitar o sol.

Por isso não produziu éco no coração endurecido dessa gente a campanha nobre e patriotica que os chamava ao cumprimento do dever; mas frutificou a do odio que a aconselhava a ficar em casa e a poupar o seu sangue enquanto outros se batiam por ele.

Dir-se-ia que ha em Portugal gente que não é portugueza.

Dir-se-ia que essa gente, fazendo gala de qualidades más, quer destruir nos outros os ultimos e esfarrapados restos duma energia que nos fez fortes e dum patriotismo que nos tornou grandes. Para essa gente não ha nada acima das suas ambições insofridas e do seu tenaz egoismo. Filhos de liberaes ou filhos de miguelistas, republicanos ou monarquicos, todos somos filhos da mesma terra e todos nós temos um passado egual; o mesmo sol iluminou o nosso berço e a mesma terra hade cobrir o nosso tumulo; nas nossas veias gira o mesmo sangue portuguez, sangue tantas vezes derramado para manter a nossa independencia e hoje tão regateado para nos salvar a todos.

Mas a bandeira da nossa Patria já não póde fazer sombra ao mundo, porque já nem sequer abriga todos os seus filhos.

Em Portugal—suprêma vergonha—ha quem se recuse a marchar em defeza da Patria, porque tem mêdo de morrer por ela!

E lembrarmo-nos nós de que nas terras inóspitas de Africa, soldados portuguezes derramavam o seu sangue, enquanto aqui uma tenebrosa maquinação se urdia com o fim de os abandonar lá longe, sem amparo, expostos ás balas traiçoeiras do inimigo e morrendo na esperança de que a Patria os vingaria! Que diriam, se o soubéssem esses pobres soldados, caídos no campo da luta e em cujo ultimo alento palpitou o nome sagrado da Patria?!

Triste sacrificio por uma terra ingrata, que gera tão maus filhos!

Mas não! A Patria não tem culpa! Por ela devemos todos derramar o nosso sangue. Mas que o sangue dos traidores corra tambem para resgatar o seu crime!

Lebre de Magalhães

(*Campeão das Provincias*, de 23 de Janeiro de 1915)

Aclaração

—(*)—

Historia e factos

Quem conhecer um pouco das coisas locais, ou, não conhecendo, folhear o grosso volume da historia da nossa terra no longo periodo dos seus ultimos trinta anos, hade encontrar, dia a dia, registados, documentos da nossa reconhecida simpatía pelo exercito, e especialmente da rude e penosa canceira que nos custou a fixação do primeiro corpo de tropa em Aveiro.

Foi a esforços do *Campeão*, então dirigido pelo pulso forte de Manuel Fírmino, a cujo empenho Fontes cedeu, que para aqui veio o 10 de cavalaria.

Um dia festivo, um belo dia, aquele em que aí entrou. A Camara Municipal, presidida pelo director do *Campeão*, fez-lhe um quartel e lançava ao mesmo tempo as fundações daquele em que atualmente se encontra o 8.

Anos depois, sem que se houvésse dado qualquer arrefecimento nos laços de estima que á cidade prendiam oficiaes e soldados, partia o 7 para dar entrada ao 24, e o *Campeão* erigia, já pela pena do seu dirigente atual, um padrão de saudade aos que partiam, sem deixar de estimular, no animo da bôa gente desta terra, a queima do alecrim no turibulo das saudações aos que vinham.

Em bréve entre o novo elemento militar e o velho elemento civil se estabeleciam as mais cordeaes relações de estima pessoal e colectiva.

Mas a nossa missão não findava aí; e, pelas condições especiaes em que já na Republica se encontravam netos de Manuel Firmino, os irmãos Barbosa de Magalhães, o *Campeão* coroava dentro em pouco a sua incessante cruzada com a recondução e a instalação no seu antigo quartel, do atual regimento de cavalaria n.º 8, sem deixar de concorrer, antes lembrando, iniciando e contribnindo com todas as suas forças para o alojamento do 24, em Santo Antonio.

Por vezes se tentou levar daqui uma das unidades. Era cavalaria a preferida. Tudo se fez, mas a resistencia do *Campeão* em Aveiro e da gente do *Campeão* em Lisboa, foi mais tenaz. Venceu.

Aí estão ambas ainda hoje, fortalecidas pela mesma simpatía, cercadas das mesmas considerações que por uma e outra o *Campeão* manteve sempre; e é precisamente no momento em que, sem uma alusão, a mais leve sequer, á atitude da oficialidade de ambas no movimento ultimo, sem que se houvésse aqui prounnciado um nome, longe, em suma, de atingir mais do que o estado de excitação politica que se estava desenvolvendo no país, que se imputa ao *Campeão* o desejo ou o proposito de atingir o exercito portuguez!

Foi mal interpretado o artigo do fundo do *Campeão* n.º 6414, de sabado ultimo. Nem esta redacção nem o seu autor teem duvida em afirmar, como muito expontaneamente fazem, por que essa é a expressão nitida da verdade, que não houve qualquer intuito de agravo a uma classe onde ambos teem a satisfação de contar parentes muito proximos, a quem consagram entranhado afecto. São, talvez, das familias que, para o exercito, deram sempre e dão ainda hoje o maior contingente. Lá anda um, em campanha, ao sul de Angola. Por lá andam outros em honrosas comissões de serviço, condecorados das campanhas de Angôche e da Guiné. Outros por lá perderam a vida preciosa, no desastre do Cunéne; e ainda outros esperam que lhes chegue a vez para marcharem no logar de honra que se lhes destine.

Conta o exercito nacional oficiaes que reputamos homens de bem em toda a extenção da palavra, militares briosos, incapazes de faltarem aos seus deveres profissionaes? Sem duvida nenhuma.

Como, pois, tería o *Campeão* desejo ou a intenção de ferir ou susceptibilisar, sequer, o exercito português, de tão grande tradição, que em todos os tempos se bateu, altivo e forte, pela honra da nação e gloria do seu nome, capaz de todas as temeridades e heroismo, cioso dos seus brios e deveres?

O artigo sob a designação de *Degenerados*, conforme essa epigrafe o denuncía, lamenta apenas que a nobre raça portuguêsa caminhe num declive de degenerescencia, mercê da propaganda incessante, que tende a amortecer as qualidades da mais acrisolada devoção da Patria.

Hoje o exercito é a nação armada, e assim as considerações feitas evidentemente visavam a nação, o estado irrequieto politico, e nunca determinadas classes ou individuos.

Este foi o pensamento ou o animo que inspirou aquele escrito.

Não teve outro nem é justo que lho atribuam.

(*Campeão das Provincias*, de 30 de Janeiro de 1915)

"Degenerados,

—(*)—

Ao artigo publicad com esta designação neste mesmo logar d n.º 6:414 do *Campeão d Provincias*, de apreciaçã geral ao estado revolt da politica naquele grâv momento da vida naci nal, foi dado o significa do ou a interpretação d ofensivo para o exercit e o facto originou melin dres que estavam long da intenção do autor dos propositos do jorna provocar ou ferir.

Mal reposto da sur prêza, o *Campeão* definiu ou aclarou, no seu nu mero imediato, a situa ção. Fê-lo sem quebr dos seus principios e mu to de sua expontanea von tade, mas éssa aclaraçã deixou ainda duvidas, ele quer que élas toda desapareçam, visto qu existem.

Uma amavel visita hoje mesmo recebida, d tres graduados oficiae da guarnição, delegado déla, esclareceu-as. E fo tal a correção e gentilez da sua exposição, tão proprias, aliaz, dos homen que se distinguem por primores de cuidada educação, que com prazer aqu acrescentamos a declaração leal de que, se atingidos se julgaram, a ele e aos demais que, com eles, primam pelas sua qualidades de caracter honram os seus galões os temos na justa cont de militares incapazes de traírem os seus deveres profissionais e de homens de bem que são.

Aveiro, 3—2—15.

Firmino de Vilhena

(*Campeão das Provincias*, de 6 Fevereiro de 1915)

Carta da Povoa do Valado

Em 5

A subida do ministério actual ao poder encheu de contentamento os talassas désta localidade.

Por mais que se matute em descobrir o motivo dêsse contentamento não se chega a outra conclusão que não seja a esperança, por parte dos monarquistas, de que o gabinete presidido pelo sr. Pimenta de Castro tende a acabar com a Republica ou, pelo menos, permitir a vida dissoluta da defunta monarquia para gaudio dos que preferem que a nação volva á corrução anterior a vê-la reabilitada e prospera. Tal é o sentir, ao que parece, déssa gente que só entende por patriotismo a satisfação das suas vaidades inconfessaveis e dos seus interesses criminosos; que prefere uma guerra civil á paz e harmonia sem as quaes o progresso é uma palavra vã. Se, porém, a acção governativa satisfizer os desejos déssa gente, teremos que nos subjugar á vontade dos antigos caciques invocando a frase pombalina: *Adeus Portugal, que te vais á vêla.*

Se o actual govêrno escalou o poder inspirando-se na necessidade de pôr os negocios publicos a direito, temos a crença inabalavel de que não conseguirá esse *desideratum* sem que primeiro extermine a praga caciqueira, obrigando as autoridades, quer administrativas quer judiciaes, ao cumprimento dos seus deveres. O contrario disto será permanecer na decadencia moral que se vem acentuando desde o 5 de Outubro de 1910 até hoje.

Para prova do que avançâmos bastam os factos ocorridos na nossa circunscrição administrativa e particularmente nésta freguezia onde os mandões e seus parceiros teem levado a melhor, não porque as leis os favoreçam mas porquê, por parte das autoridades, se lhes tem dispensado favores escandalosos, o que os leva ao raciocinio de se julgarem no direito de procederem pela fórma que muito bem lhes aprouvér.

Abreviando conversa e encurtando espaço, diremos, de passagem, que nésta freguezia se criou, em harmonia com a lei da Separação, uma Comissão Cultual. Pois, meus senhores, o paroco e seus afeiçoados, catolicos hipocritas na maior parte, taes artes empregaram no descredito déssa Comissão que levaram o seu presidente a retirar-se déla sem outra formalidade de que não fôsse um simples oficio dirigido ao secretário da mesma no qual lhe notificava a sua exoneração sem invocar o menor fundamento, fazendo assim da lei um farrapo inutil e da autoridade superior um manequim despresivel, e sendo cérto que esta autoridade cruzou os braços diante do insolito procedimento, com manifesto despreso, tambem, pela lei que regula o assunto!

Contra o paroco e a respeito do caso em questão, foi apresentada queixa á autoridade competente, mandando esta ouvir testemunhas, dando todos esses trabalhos em resultado—pasmai, ó gentes!—*ficar sanado o processo até que o visado torne a deliquir!*

—A Câmara Municipal, de acordo com o benemerito Manuel Francisco Braz, ordenou, sem dispendio para o municipio, a terraplanagem e arborisação dum terreno de logradouro comum situado neste logar, terreno que nas quadras invernosas é um verdadeiro charco. Tal procedimento, porém, despertou na junta de paroquia a resolução de aconselhar os habitantes deste logar (Povoa do Valado) a não consentirem no melhoramento principiado, com o fundamento asqueroso de que alguem pretendia apossar-se do terreno.

Esse *alguem* entendia-se ser a pessoa de Manuel Francisco Braz que nada mais pertendia do terreno que não fôsse transformal-o em util, agradavel e higienico, não podendo invocar a posse do mesmo visto não apresentar documento autentico que a justificasse.

Mas a sábia e previdente junta de paroquia levou mais longe o seu *amor* e *patriotismo*, apresentando-se no local, dias depois, para assistir ao córte das arvores recentemente plantadas, isto é, tres dias antes da *Festa da Arvore* para deste modo deslustrar éssa simpatica festa.

E como não havia de ser assim, se o terreno de que se trata, a ser transformado, não aproveitava ao vogal da junta, Manuel dos Santos Coutinho, que, no verão, dispunha desse terreno para nêle desfolhar milho, secar palha, etc.? Como não havia de ser assim se Manuel dos Santos Coutinho, senhor feudal da Povoa do Valádo, a par dos interesses materiaes, antevia a decadencia do seu antigo poderio absoluto? Como, ainda, não devia ser assim se a pratica dos antecedentes não nos habilitam aos consequentes e se a junta de paroquia, ferrenhamente monarquica, detesta e abomina tudo quanto se acha estabelecido nas instituições vigentes?

Quer-nos parecer que a junta de paroquia não devia patentear a sua *alta sabedoria* por fórma destruidora e anti-racional, devendo-se-lhe pedir contas do seu procedimento, se é cérto que a entidade alguma é proibido destruir por sua conta e risco. Fez-se isto?

Não.

Não se fez ou porque a lei o não permita, ou por outra circunstancia qualquer. Mas o que é cérto é que a corporação destruidora passa sem novidade em sua importante saude, sabendo nós, apenas, que no proximo dia 11 do corrente o aludido vogal Coutinho tem de responder em policia correccional, não pelo facto acima referido mas por outro subsequente de egual natureza, e aqui temos um favor da corporação de que faz parte convertido em desfavor.

Nésta altura é dever nosso aguardar o termo dos acontecimentos para nos pronunciarmos depois.

C.

O CHEFE

Dizem as gazetas que houve em Lisboa reunião magna da familia monarquica para os *valentes* resolverem se devem ou não tomar parte na campanha eleitoral.

Mais nos informam que fez sensação a entrada imponente e magestosa dum aveirense, que lá apareceu, como não podia deixar de ser, tendo em vista o alevantado *caracter* e mais partes que concorrem em tão *alta* personalidade...

Ao seu ingresso na sala houve um murmurio de admiração, ouvindo alguem o seguinte dialogo entre dois concorrentes:

—Brávo! Bela estatura, marca de Napoleão!—exclama um, ao que outro logo retorquiu:

—Diz antes—marca de Judas. Pelo menos o seu passado comprova-o!

E não ha duvida. Seja quem for o autor da apreciação, bateu... certissimo.

Mas que Judas...

Teatro Aveirense

E' finalmente ámanhã que se realisa o 1.º espetaculo de carnaval pela admiravel Companhia de Variedades que Maximo Junior conseguiu organisar, com os melhores elementos de várias *troupes* que estavam trabalhando no Porto, no Teatro Sá da Bandeira e Circo de Variedades.

A assinatura está já bastante adeantada, sendo facil prevêr duas enchentes.

Domingo e terça-feira, ás 19 1/2 horas, realisar-se-ão extraordinarias sessões de cinêma e 3 numeros de variedades pelo preços habituaes da casa, e das 21 ás 2 os sumptuosos e deslumbrantes bailes de mascaras, este ano abrilhantados pela magnifica Banda dos Bombeiros Voluntarios. Como de costume, nestes dias não haverá senhas de saída e bem assim só terão entrada na sala de baile damas decentemente mascaradas.

= No proximo domingo, 21, será exibida pela primeira e unica vez, a celeberrima pelicula de arte *Calvario duma Rainha*, superiormente interpretada pela gentilissima actriz *Elsa Robini*, da *Comedie Française*.

PELA IMPRENSA

O nosso presadissimo colléga, *Povo de Agueda*, entrou no seu 4.º ano.

Jornal a cujos redactores nos prendem laços de velha camaradagem, não podemos deixar de lhe dirigir as felicitações a que tem incontestavel direito pelas provas de solidariedade que nos tem dado e ainda pela firmêsa com que defende a Republica, não exitando deante do que julgâmos um dever, uma obrigação.

Receba, pois, o *Povo de Agueda* um grande abraço e com ele a afirmação de que lhe continuâmos a desejar longa e prospera vida.

= Os nossos confrades *Comercio da Louzã* e *Correio da Feira* transcreveram, o primeiro o artigo—*O crime dos republicanos*—que o *Democrata* inseriu a semana passada e o segundo o longo extracto da sessão extraordinaria da Junta Geral do distrito efectuada em 9 de Janeiro, e que vem acompanhado de palavras que muito devem ter cativado o director deste jornal.

Agradecemos.

O preço do gaz

Tendo-se dito na cidade que o aumento no preço do gaz da iluminação particular fôra por acordo entre a Companhia e a Camara, pede-nos o sr. presidente da Comissão Executiva para esclarecer que á Camara foi, de facto, comunicada aquela resolução da Companhia, mas não acordou nem tinha que acordar ou deixar de acordar com a resolução, por isso que nesse ponto, pela letra do contrato respectivo, a Camara se lhe não podia opôr até áquela altura da elevação.

Convém, porém, esclarecer, diz-nos ainda o sr. Bernardo de Souza Torres, que a Companhia voltará ao antigo preço logo que as circunstancias lho permitam, o que crê sucederá em brêve.

ANIVERSARIOS FUNEBRES

Fez no sábado 5 anos que morreu nésta cidade o considerado farmaceutico Francisco Antonio de Moura, um dos fundadores do *Centro Republicano* e a quem o partido é devedor de consideraveis trabalhos prestados todos com o manifesto desejo de bem servir a causa pela qual combateu durante quasi toda a sua vida.

Na fórma do costume a redacção do *Democrata* distribuiu pelos pobres, nesse dia, a importancia de 5$00, que lhe foram enviados pelo intimo amigo do falecido, o sr. José Ferreira Pinto Junior, conceituado droguista do Porto, cabendo a cada um as seguintes quantias: Maria Inocencia, R. Miguel Bombarda, $30; Dôres Pitarma, idem, $20; Maria Rosa Rebelo, idem, $20; Justa Salgueiro, idem, $20; Margarida de Jesus, idem, $20; Rosa de Vilar, idem, $20; Maria José Carrancho, Alboi, $20; E. do Egidio, rua de S. Gonçalinho, $50; Custodia Porteira, Fonte Nova, $20; Tereza Porteira, idem, $20; Ana Aurelia, rua do Norte, $20; Adelaide Vilaça, rua da Corredoura, $30; Violante de Jesus, idem, $20; Isabel Ferreira, Bairro Novo, $30; Tereza Maia, rua da Arrochela, $50; Maria da Conceição, rua do Vento, $3; Luiz dos Reis, rua de S. Sebastião, $50 e Manuel Mofa, rua do Carril, $20.

Em nome dos contemplados mil agradecimentos ao sr. José Ferreira Pinto Junior.

* * *

Egualmente no domingo passou o aniversario do falecimento de Joaquim Rei Neto, outro democrata convicto, arrebatado no verdor dos anos ao convivio da familia, que o estremecia, e dos amigos e companheiros, que o idolatravam.

Ao cemiterio do Outeirinho foram, por isso, desfolhar flôres sobre a sua campa bastantes dos seus conterraneos, os quaes, formando um extenso cortejo, partiram do *Centro Republicano* de Arada acompanhados da Banda dos Voluntarios até junto do coval do desditoso mancebo onde alguns manifestantes proferiram sentidos discursos de homenagem á sua memoria.

Tanto o centro a que aludimos como o do Outeirinho, conservaram durante o dia a bandeira a meia adriça, pois é ainda imensamente sentida por todos os seus correligionarios a morte do infortunado moço.

Semana literaria e artistica...

Escrinio de ouro

O sr. Pereira da Silva não é um estranho para os nossos leitores.

Já aqui néstas modestas colunas, por mais duma vez, *nos temos honrado* com a reprodução das suas inspiradissimas obras.

Desvanecidissimos, podemos novamente enriquecer a nossa colecção dando á estampa outras duas das suas mais mimosas e geniaes composições, nas quaes o leitor consciencioso apreciará a intensidade de espirito que as anima e o sopro de genio que as inspira.

Simplesmente belas! Quanto a seu respeito podéssemos dizer da apreciada critica éla, seria o grão de areia ao lado do Himalaia, o pingo de agua caído no Oceano, *a suspiração humana* medindo-se com o ciclone.

O que é o amor?

E' uma inclinação pendulosa,
Bem dificil de compreender,
E' a centilação amorosa
Que nos persegue até morrer.

E' o sentimento, misturado com o odio,
é a traição,
E' o traidor, é o ladrão do coração.

E' a ganancia,
E' a ilusão,
E' a pujança,
E' a superstição.

E' a convivencia
E' a saudade,
E' a abscencia,
E' a amisade.

E' a boniteza,
E' a sensação,
E' a esperteza,
E' a opinião.

E' a esperança,
E' o orgulho,
E' a bonança
E' o entulho.

E' a convivencia
E' a desgraça,
E' a ausencia,
E' a chalaça.

E' a hipocrisia,
E' a vaidade,
E' a melancolia,
E' a bondade.

E' o suicidio,
E' a cegueira,
E' o convivio
E' a asneira.

E' a dôr
E' o desdem,
Emfim, quem é o amor?
Não é ninguem!

A. Pereira de Abreu

A ILUSÃO

E's cega de todo, oh ilusão!
Não vês nada.
Esbarraste em toda a ocasião,
E nunca chegas a ser despedaçada.

E's filha da ganancia,
Oh ilusão!
Tens muita relutancia,
Mas muito mais opinião.

E's cega e cegas a humanidade;
Arrastá-la ao crime e ao vicio,
A' eventualidade
E ao suplicio.

Arrastá-la á grandeza
E á usurpação,
Inundando a pobreza
No meio da desnorteação.

Arrastá-la á vaidade
E á hipocrisia;
A' sagacidade
E á melancolia.

Arrastá-la ao amor
E á sensação;
Ao pudôr
E á mortificação.

Oh que linda estampa ali vae
De peitos opulentos;
Mas quem escorrega tambem cae
E depois fica em fragmentos.

Mas que fisionomia lindissima
Cabelos tão dourados!
Boca tão pequenissima
E bracinhos tão torneados!!

Rosto em fórma oval,
Face tão rosadinha,
Naríz perenal
E vista tão meiguinha, tão vivinha!

Uma perfeição,
Oh ilusão!!
Minha senhora, dá licença?
Ora éssa, diz a hipocrisía,
Tem a bondade de receber esta recompensa.

Mas o que é que o senhor quer?
V. ex.ª tem a bondade de pegar;
Mas é para mim?
E v. ex.ª a cismar; é sim!

O coração de D. Ubaldo, visto de frente, atravessado por um bicho peçonhento da familia dos Procopios e que se supõe ter sido a causa da morte do desditoso *camarada*...

O cavalheiro naturalmente está-se a enganar,
Julga que está a dar o dinheiro a algum parente,
Para a alguem entregar.

E' que eu sinto por v. ex.ª uma tal paixão
Que quero entregar-lhe tudo
E até o meu coração!

Passam-se momentos.
A sensação foi repentina;
Mas surgem e duram muitos tormentos
Que o amofina.

De quê?
Deu o dinheiro que lhe não pertencia
Se ele vê,
Não tão facilmente se esbarraria.

Mas a vista deixa-se cegar
Mesmo com os olhos abertos,
E' a cegueira a trabalhar,
Naqueles que se teem por mais espertos

Oh! Como eu fui dar aquilo que não me pertencia!
Exclamava ele com os olhos arrazados em lagrimas
Será possivel?
Eu em meu juizo estaria?!

E cheio de arrependimento,
Chorava com calor,
O que tinha feito.
Era o sentimento que cheio de dôr,
Lhe abrazava o peito!

Foi preso e mandado para a prisão,
E quando foi julgado
Perguntaram-lhe como foi extraviado
O dinheiro do seu patrão.
E ele disse: *Oh! Foi-me a mim roubado*
Pela ilusão!!!

A. Pereira de Abreu

Fado da guerra

MOTE

Na era de novecentos e catorze.
Garriaram muitas nações,
Russia, Inglaterra e França
Escontra os povos alamões.

Apraceu no ceu um sinal
Que inté metia pavor,
Prantado por Nosso Senhor
E parecia mesmo um punhal.
Disse logo Portugal:
Valha-me aqui S. Jorze!
O mundo todo assustou-se
Porque aquilo era um castigo
E sou eu mesmo que o digo
Na era de novecentos e catorze.

Um servo matou um princez
Duma familia austriáca,
A Alamanha que é macaca
Declarou guerra ao francez
Salta de lá o ingulez:
Alto aí, seus figurões!
Os belgas que são pimpões,
A' Alamanha fazem frente,
Mete-se a Russia adiente,
Garriaram muitas nações.

Matam crienças no breço.
Cortam a cabeça aos avózes,
São todos muito farozes,
Viram mulheres do avesso!
As igrejas parecem de gesso,
Os manumentos andam numa dança,
Aos padres furam a pança
Que inté parece incrivles
Mas mesmo assim são sufriveles
Russia, Inglaterra e França.

Qando se acabou a guerra
Entre toda aquela sucia
Não havia gente na Russia,
Na França, Austria e Inglaterra.
Tomaram antão conta da terra
Os portuguezes cidadões
E os hespanhoes nossos irmões
Com toda a fróternidade
E nunca mais houve nóvidade
Escontra os povos alamões.

Este fado cantado ha dias no nosso teatro como uma dulcissima melopeia, e que com tanto agrado foi ouvido, bisado, trisado e quatrisado—despertou-nos a ideia de obtel-o e reproduzil-o para satisfação dos amantes do genero, o que com uma certa dificuldade conseguimos, lembrando-nos todavia que o que na verdade custa é o que Deus agradece.

O Aurelio já o tem na ponta da lingua...

VERSOS DO CORAÇÃO

Minha musa apaixonada
Faz versos do coração,
Como um sonho n'alvorada,
Que me traz inspiração.

Já te dei o meu amor
Meu destino, tudo! tudo!
—Não te posso dar mais nada!...

(*O mar*)

Como podes, se teu peito
Me parece de sardinha?
Tu tens a tuberculose
E morres logo, á noitinha...

Procopio de Oliveira

Pulhice

Nos *Ridiculos*—e bem ridiculos que eles estão—apareceu no numero de 6 do corrente uma local, inspirada por qualquer burranças daqui, daqueles que aliam á sua maldade ferina egual dóze de estupidez dos seus congeneres de quatro patas, que o publico conhece pela designação de burros.

O animal zurrou o seguinte, que, para justificação do completo direito que tem á nossa classificação, reproduzimos, na integra, afim de se avaliar da canalhada do biltre:

«Em Aveiro logo que houve conhecimento da quéda do ministério, a *formiga branca* tratou de esconder as bombas que havia espalhado pelos socios, para deféza das instituições. Uma, porém, rebentou e levou a mão e parte do braço do carbonario, que foi socorrido por um medico na terça-feira á noute.

Mas onde estarão as outras?»

A torpeza da insinuação pretende atingir a familia honesta e honrada do sr. Antonio da Cruz Bento de quem um neto, obtendo umas bombas dum foguete que no arraial de S. Sebastião, no dia 23 do mez findo, não chegaram a queimar-se, por estarem molhadas, mais tarde, fazendo-as explodir em plena rua, uma atingiu a mão do rapaz, produzindo-lhe alguns ferimentos.

Nisto se resume a influencia para o caso que, como se vê, teve a *quéda do govêrno* e como o pobre rapazote é *formiga branca, escondendo bombas e ficando sem mão e sem braço!*

Não resta duvida que a noticia foi enviada por malandro, que tão caluniador como cobarde, se esconde da *recompensa*, que logo teria, pela verdade da sua informação...

Que refinadissimo pulha! E como estes pulhas fazem historia!

Cortejo carnavalesco

Promovido pelo *Club dos Galitos*, cuja direcção se encontra dispostas a continuar a série de divertimentos e festivaes interrompidos pelas direcções transatas, realisa-se este ano um vistoso cortejo carnavalesco em terça-feira de entrudo para o que estão ultimando os preparativos com extraordinaria azafama e entusiasmo proprio aqueles que hoje constituem a alma daquela prestante colectividade.

Além dum avultado numer

Exames de admissão á Escola Normal

Maria de Melo e Castro e José Manuel Moreira, professores oficiaes nesta cidade, habilitam para estes exames, achando-se já aberta a respectiva matricula.

Rua do Caes, n.º 15—B

de carros alegoricos, tomarão parte no cortejo, dizem-nos, cavaleiros, ciclistas, musicas infernaes, celestiaes e paradoxaes, havendo entre outras surprêsas uma que pela sua originalidade está destinada a produzir grande sensação caso o segredo chegue a manter-se até ao fim.

Por nossa banda só desejâmos que a rapaziada não esmoreça a vêr se Aveiro sáe da apatia em que ultimamente tem vivido.

Por absoluta falta de espaço ficam-nos por publicar neste numero alguns originaes e a continuação do relato da intentona monarquista de 1913, do que pedimos desculpa aos nossos leitores.